

A sistematização de experiências como elemento fundante do processo de construção do conhecimento agroecológico

Ana Dubeux¹

1. Resumo

O presente trabalho visa relatar a experiência do Núcleo de Agroecologia e Campesinato (NAC) da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) quanto à inserção da sistematização de experiências em suas atividades de ensino e extensão. A partir de uma abordagem crítica ao paradigma linear de produção do conhecimento, o texto apoia-se na ecologia de saberes (Santos, 2005) para refletir sobre o caminhar do núcleo em torno da sistematização.

Palavras chave: educação popular, sistematização de experiências, construção do conhecimento agroecológico

2. Introdução

Desde os anos 70 que o Departamento de Educação da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) trabalha com processos de educação agrícola, principalmente através das diferentes ações no ensino de extensão rural e do Curso de Licenciatura em Ciências Agrárias. No início dos anos 2000, um grupo de professores começa a discutir a agroecologia como elemento essencial às experiências de educação e extensão rural e cria em 2009 o Núcleo de Agroecologia e Campesinato (NAC). Desde então o NAC vem realizando estudos para fundamentar a formação de agentes de Ater e de outros profissionais que contribuam na promoção de um desenvolvimento local sustentável. Para isso vem articulando organizações públicas e da sociedade civil, professores que trabalham com agricultura tropical, controle biológico, ecologia, economia solidária, gênero, etnias, pedagogia, antropologia, soberania alimentar, entre outros para, juntos, delinear seus objetivos e estratégias.

Em sua caminhada, o NAC busca discutir a construção do conhecimento agroecológico como essencial para o aprofundamento do debate em agroecologia e neste sentido diferentes atividades foram desenvolvidas buscando aprofundar entre os componentes do núcleo e com a

¹ Ana Dubeux é professora do Departamento de Educação da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), membro do Núcleo de Agroecologia e Campesinato (NAC) e da equipe pedagógica do Centro de Formação em Economia Solidária do Nordeste (CFES-NE)

sociedade em geral o debate sobre o que, como, por quê e com quem construímos conhecimento em agroecologia. Isto se faz a partir de diferentes experiências, mas é sobretudo o caminho da sistematização de experiências que é escolhido como um dos caminhos mais expressivos nesta construção por permitir que os processos de diálogo de saberes sejam refletidos e organizados.

Buscaremos aqui, retrazar esta trajetória, tendo claro que a agroecologia para nós é compreendida no seu sentido mais amplo onde para além da transição nos processos produtivos, incluem-se as diferentes lutas do campesinato, a exemplo da reforma agrária, da soberania alimentar, da equidade de gênero, raça, entre outras, sempre a partir de um mergulho profundo na **diversidade**, **complexidade** e na **vida** dos territórios e dos ecossistemas com os quais trabalhamos na perspectiva de sua **transformação**.

Entendemos a construção do conhecimento em agroecologia como « *uma construção social crítica à coisificação da natureza e de desqualificação dos saberes locais. Ou seja, é uma construção contra-hegemônica. Para construir conhecimento o diálogo de saberes é imprescindível, assim como a valorização da experiência humana em seu cotidiano de vivências. Tais pressupostos são fundantes na educação agroecológica e, por conseguinte, o saber que daí emana, a epistemologia que daí se expressa e constrói.* » Medeiros, Dubeux e Aguiar (2011, p. 27)

Para que o diálogo de saberes seja efetivo, é preciso que o processo de sistematização de experiências seja realizada a partir de um diálogo com a educação popular que, para além de oferecer um enorme conjunto de estratégias e ferramentas, permite a reflexão coletiva e dialógica no sentido da construção de um projeto transformador que compreenda a luta do campesinato por uma sociedade mais justa e igualitária. A sistematização de experiências, que junta os « cacos ou fragmentos » da experiência para construir belos vitrais do novo conhecimento, é nas palavras de Falkembach (2000) “*um instrumento; uma possibilidade; ferramenta apropriada e apropriável para a recuperação e reflexão do viver compartilhado; que faz deste viver, objeto de investigação; espaço de discussão e aprendizagem; e produção de conhecimento que se apóia no confronto de argumentos que as experiências do viver sustentam e dialetizam.*”

Em nossa caminhada, temos privilegiado os ecossistemas e territórios ligados as problemáticas do nordeste, a exemplo do semiárido e das problemáticas enfrentadas pelos camponeses instalados no litoral em luta contra a monocultura da cana-de-açúcar e o avanço

do capitalismo industrial que destrói o meio ambiente nas estratégias da revolução verde na região.

Assim, o presente texto tem como objetivo analisar a trajetória da experiência do NAC/UFRPE em suas ações de ensino, pesquisa e extensão no que se refere à construção do conhecimento agroecológico através da sistematização de experiências. No relato, buscaremos relacionar a reflexão aos aspectos teórico e metodológicos aos quais a mesma esteve ligada buscando contribuir para o amadurecimento desta reflexão nas diferentes estratégias de construção do conhecimento agroecológicos que temos adotado.

4. Descrição e reflexões sobre a experiência

As primeiras reflexões sobre a sistematização de experiências surgiram no NAC/UFRPE por volta de 2009 quando através do Centro de Formação em Economia Solidária do Nordeste (CFES), projeto de execução de política pública do Ministério de Trabalho e Emprego, alguns membros do núcleo que compunham a equipe de coordenação pedagógica propuseram que as publicações existentes no projeto fossem realizadas a partir do processo de sistematização de experiências.

Ao mesmo tempo, no início de 2010 nascia a construção do projeto de curso « Convivência com o semi-árido na perspectiva da segurança e soberania alimentar e da agroecologia » promovido com o apoio do CNPq numa ação interdisciplinar dos departamentos de Educação e Ciências Domésticas, também a partir da inserção de membros do núcleo neste projeto. Estas duas experiências foram fundamentais para a reflexão em torno da concepção e da metodologia que orienta a sistematização, uma vez que foi realizada a partir da articulação com agricultores/as e movimentos sociais, parceiros dos dois projetos ao longo de sua execução.

Nos dois casos, algumas definições foram importantes para que o processo acontecesse da melhor forma :

- Qual a concepção de sistematização de experiências que orientava a nossa ação ?
- Que contornos ou o que definíamos por experiência nos dois casos ?
- Que metodologia é a melhor para o processo de sistematização de experiências ?
- Que referências buscar para fundamentar a nossa construção ?

Estas questões serviram como orientadoras da nossa reflexão nas duas experiências e ao mesmo tempo na continuidade de outras ações de pesquisa, ensino e extensão com temáticas

relacionadas à sistematização. Nosso grande desafio era (e ainda é) aprofundar o debate interno sobre a questão epistemológica: Como efetivamente se constrói conhecimento em agroecologia a partir do diálogo com os agricultores e agricultoras que acompanhamos?

Uma primeira pista foi buscar apoio nas experiências de sistematização que já existiam em contextos populares, desenvolvidas na América Latina e no Brasil. Oscar Jara e Elza Falkembach foram nossos grandes inspiradores, mas sentíamos que faltava qualquer coisa para que pudéssemos pensar a metodologia e a orientação conceitual necessária para construir a nossa proposta. Paulo Freire e as diferentes propostas de educação popular existentes no Brasil, através das suas interfaces² com a saúde, a justiça, a luta pela reforma agrária, entre tantas outras lutas importantes para a construção de um projeto popular para o Brasil foram nossos outros aliados, mesmo com uma sensação que a caminhada ainda está por se completar.

Diversos são os estudos e trabalhos que têm apontado a agroecologia como paradigma essencial para consolidar uma proposta de desenvolvimento rural. Este paradigma, para além de colocar em xeque as propostas produtivistas de desenvolvimento, elenca como um dos seus principais eixos a produção do conhecimento agroecológico. Na perspectiva de reconhecer os saberes populares como essenciais à consolidação da produção de conhecimento, “o enfoque agroecológico ressalta o fato de que a produção e a transmissão de conhecimentos são atividades próprias do ser humano, exercidas individual ou coletivamente por meio das culturas. Reservar essas atribuições sociais a alguns poucos membros da sociedade, como é próprio do difusionismo tecnológico, representa o desperdício de aptidões cognitivas inerentes a toda e qualquer pessoa.” (Articulação Nacional de Agroecologia - ANA, 2007)

A perspectiva é ainda de superar as separações clássicas entre sujeito e objeto, buscando referenciar na teoria da complexidade os processos de construção do conhecimento (MORIN, 2007) valorizando a experiência como central no processo da consolidação da proposta agroecológica, no sentido apontado por SANTOS (2000) que indica o quanto temos desperdiçado a experiência social daqueles que guardam ainda um certo distanciamento das estruturas educativas formais, onde o cartesianismo é inibidor de processos de transformação. Este é hoje o nosso maior desafio pois implica na desconstrução das nossas certezas em

² Destaque-se aqui a Rede de Educação Cidadã (RECID), Rede de Educação do Semiárido Brasileiro (RESAB), as diferentes redes de educação do campo desenvolvidas por movimentos de camponeses/as, indígenas, quilombolas, Rede dos Centros de Formação em Economia Solidária (CFES), entre outras.

relação ao fazer acadêmico e a organização de uma ciência nova onde não somente consideremos os saberes populares, mas possamos estabelecer uma verdadeira ecologia de saberes (Santos,2005) na relação com os ecossistemas onde nos inserimos.

Precisamos na verdade, como diz Santos (2005) nos fazer certas questões quando buscamos estimular o diálogo entre diferentes tipos de saberes : A partir de qual perspectiva poderemos identificar diferentes conhecimentos? Como podemos distinguir o conhecimento científico do conhecimento não-científico? Como distinguir entre os vários conhecimentos não-científicos? Como se distingue o conhecimento não-ocidental do conhecimento ocidental? Se existem vários conhecimentos ocidentais e vários conhecimentos não-ocidentais, como distingui-los entre si? Qual a configuração dos conhecimentos híbridos que agregam componentes ocidentais e não-ocidentais? Estas e outras questões continuam orientando a nossa reflexão.

2.1 – A experiência do curso de especialização

O curso de especialização « Convivência com o semi-árido na perspectiva da segurança e soberania alimentar e da agroecologia » ofertado pelo NAC no período 2011/2012 teve como uma de suas principais inovações a conformação de seu trabalho de conclusão de curso (TCC). Ao propormos o curso, os professores que discutiram a proposta optaram por utilizar a sistematização de experiências como elemento central da elaboração do TCC. Sabia-se desde este momento que estaríamos enfrentando um desafio duplo na quebra do paradigma da construção positivista da ciência que passava pela desconstrução desta lógica junto aos estudantes e aos professores, estes últimos talvez significaram um desafio maior.

O trabalho coletivo desenvolvido foi um aspecto muito positivo pois ao longo do curso, e, professores e estudantes, tinham a clareza que estavam diante de um grande desafio. O TCC, nossa grande novidade na especialização que foi realizada em alternância, era composto por três produtos principais: a) a reflexão teórico-prática apresentada pelos estudantes ao final de cada módulo do curso que visava refletir sobre o contexto da experiência à luz dos ensinamentos teóricos trabalhados no módulo; b) a facilitação de um processo de sistematização de experiência junto a um grupo de agricultores(as) em processo de transição agroecológica, tendo o estudante um papel de educador-problematizador; c) a elaboração de um artigo científico resultado da reflexão elaborada pelo estudante a partir dos elementos gerados no processo de sistematização.

No final do processo, publicamos um livro³ que refletia um pouco sobre a experiência do curso e, ao mesmo tempo, visibilizava o resultado de 8 sistematizações das 21 realizadas. Na avaliação de alunos/as e professores/as, a experiência foi riquíssima e permitiu um mergulho numa nova possibilidade de enfrentar o debate sobre a questão da construção do conhecimento na agroecologia.

2.2 – A experiência do CFES

O Centro de Formação em Economia Solidária do Nordeste (CFES) é (ou era) uma política pública da Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES) do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE). A UFRPE, vem coordenando o centro no Nordeste desde 2009, no diálogo com os outros centros regionais e com o nacional. Assim como no curso de especialização, na proposta metodológica das diferentes formações ofertadas em nível regional, estadual e local, a questão da construção do conhecimento se colocava. Nos primeiros quatro anos, a proposta de sistematização de experiências foi trabalhada conceitual e metodologicamente em todos os CFES do Brasil, cada um com a sua identidade, mas em todos, pelas diferentes redes de educadores populares em economia solidária, estimuladas pelos centros, que foram se formando nos estados brasileiros.

No caso do Nordeste, a orientação foi de que cada rede escolhesse uma experiência para apoiar no processo de sistematização. Assim, foram sistematizadas 9 experiências de iniciativas de economia solidária urbanas e rurais no nordeste⁴, sendo uma por estado, que também serviram como processo de experimentação pedagógica para os educadores populares que estavam em formação nos cursos do CFES. As descobertas e aprendizagens coletivas descritas por todos que participaram deste processo foram realmente fantásticas, mas não podemos deixar de assinalar os problemas encontrados para a compreensão e execução das propostas pelos educadores populares, uma vez que o projeto não previu um acompanhamento que seria essencial num processo como este, principalmente se considerarmos sua novidade para todos/as que participaram.

³ MEDEIROS, Alzira ; DUBEUX, Ana e AGUIAR, Virginia (orgs.) **Agroecologia na convivência com o semiárido. Sistematização de experiências vividas, sentidas e aprendidas.** Recife, 2015

⁴ Também no caso do CFES, um livro foi resultado desta aprendizagem coletiva : DUBEUX, Ana e MEDEIROS, Alzira (orgs) **A construção de conhecimentos em economia solidária: Sistematização de experiências no chão de trabalho e da vida no Nordeste** Recife: F&A Gráfica e Editora Ltda, 2012. 288p.

O CFES, ainda em execução, faz, a partir de 2012, na sua segunda etapa de execução, uma outra inovação, que de certa forma surge a partir do processo de sistematização de experiências com os grupos e da reflexão que fizemos em torno do mesmo com os/as educadores/as populares. Introduz-se a pesquisa-ação como ponto de partida do processo formativo de educadores populares em economia solidária, como forma de estimular a emergência dos conteúdos do currículo (próprio curso de formação) dos territórios aos quais os educadores populares estavam vinculados. Ainda não é possível avaliar o resultado desta proposta pois a mesma ainda está em curso, mas as avaliações preliminares indicam que esta foi uma decisão acertada pois a reflexão sobre a prática a partir da pesquisa-ação, soma-se à sistematização de experiências no processo de construção do conhecimento.

2.3 – Outras experiências

As experiências acima citadas foram muito importantes para o avanço do debate no NAC e suscitaram o desejo em algumas pessoas do núcleo de continuar experimentando nesta direção. Assim, temos participado, à convite de movimentos sociais e de outros núcleos de agroecologia para facilitar processos de reflexão sobre a questão da sistematização. Para além da troca com outras realidades, há atualmente no núcleo um desejo latente de continuar aprofundando este debate, inclusive no que se refere à relação com teorias que vêm discutindo um outro paradigma para a ciência, a exemplo das teorias da complexidade (Morin xxx) e das epistemologias do sul (Sousa, xxx)

Além disso, temos inserido a sistematização de experiências também no ensino formal, a exemplo do curso de licenciatura em ciências agrárias, onde um dos professores do NAC utiliza a sistematização como objeto e método do processo de formação de educadores agrícolas.

5. Diálogo com os princípios e diretrizes da Educação em Agroecologia.

A reflexão sobre a experiência vivida em relação com os princípios definidos no I SNEA para a educação em agroecologia ainda não foi feita de maneira mais coletiva pelos membros do núcleo. Assim, sinto-me relativamente constrangida de aqui o fazer de maneira individual, mas arrisco-me assim mesmo, mesmo que de uma forma muito pouco profunda.

Ao trazer a experiência para a centralidade do processo de construção de conhecimento, baseamo-nos no cotidiano **das vidas** das famílias agricultoras, a partir de processos coletivos

de construção do conhecimento. A **complexidade** (Morin, 2007) necessária ao processo de transição agroecológica, parece inspirar uma outra complexidade que é aquela da ecologia de saberes. Apesar deste processo ainda estar em construção em termos dos significados que pode ter para a construção do conhecimento, ele enseja uma enorme **diversidade** (Santos, 2005) de princípios e métodos, na perspectiva de estabelecer releituras do paradigma científico em vigor. A inovação e a criatividade são portanto características inerentes à tais processos que são, com certeza de **transformação**, sobretudo quando buscamos superar a ditadura da monocultura da mente (Shiva, 2003) e construir um novo paradigma científico.

6. Considerações finais

Este é o relato de uma experiência que ainda terá certamente muito a caminhar e considero assim que ainda está inacabada. Considero como importante diretriz da educação em agroecologia a inserção da sistematização de experiências como elemento importante para a construção de um novo paradigma. O processo de aprofundamento em torno desta questão exige mais do que a experiência pois precisamos reconstruir o modelo de ciência que tem nos orientado e esta não é uma tarefa fácil. A busca de estudos epistemológicos sobre a complexidade da ciência agroecológica pode talvez nos dar algumas pistas e o Núcleo de Agroecologia e Campesinato da UFRPE tem o desejo de fazê-lo nos próximos anos. Além disso, para não sermos contraditórios, é a nossa própria experiência quem guiará nossos próximos passos em relação a esta questão.

7. Referências bibliográficas

FALKEMBACH, Elza Maria Fonseca. Sistematizando: Juntando cacos, construindo vitrais. In: FUMAGALLI, D.; SANTOS, João M. P. dos; BASUALDO, Maria. E. (Orgs.). O que é sistematização? Uma pergunta e diversas respostas. São Paulo: CUT, 2000.

HOLLIDAY, O. JARA. Para sistematizar experiências. Tradução de: Maria Viviane V. Resende. 2 ed. Revista – Brasília: MMA, 2006

MORIN, Edgar. Introdução ao pensamento complexo. Porto Alegre: Sulina, 3ª. Edição, 2007

SANTOS, Boaventura de Souza. Um Discurso sobre as Ciências. Porto: História e ideias, 1987.

_____. A gramática do tempo: para uma nova cultura política. São Paulo: Cortez, 2006.

_____. A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência. Porto: Afrontamento, 2002.

_____. Pela Mão de Alice: O Social e o Político na Pós-Modernidade. São Paulo: Cortez, 2005.

SHIVA, Vandana. Monoculturas da Mente : perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia. São Paulo: Gaia, 2003